

Editorial

Cenas, impasses e abertura a campos possíveis

Scenes, impasses and opening to possible fields

<http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2017v51n1p001>

O cenário contemporâneo é marcado por antagonismos econômicos, culturais e políticos, atravessado por concepções autoritárias e reprodução de valores normativos e pautados no ódio à equidade.

Paralelamente, novas formas de engajamento político têm surgido e, com elas, novas práticas neste campo passam a apontar que o sujeito político está em todo lugar e, ao mesmo tempo, em nenhum lugar em especial.

Não é difícil ouvirmos que a população está cada vez mais despolitizada ou que simplesmente não se interessa pela política. Mas, talvez seja importante, neste contexto de incertezas e ambiguidades, lançar questões que podem ser levantadas como norte de nossas reflexões.

Em um cenário de golpe, como a população brasileira tem significado a política hoje? Por quais perspectivas têm se constituído? Que territórios são utilizados para suas ações-conexões? Quais as atuais formas de fazer política e quais estratégias de resistência têm sido (re)criadas? Para onde apontam e quais possíveis estão com suas práticas construindo?

De qualquer forma, a relação do sujeito com a política se constitui num universo axiológico marcado por uma multiplicidade de sentidos, onde nem sempre as respostas prontas ou as que foram produzidas tempos atrás se fazem úteis para nosso olhar que busca apreendê-las em alguma inteligibilidade.

Quero dizer com isso que estamos diante de um tema necessariamente interdisciplinar. Cada disciplina isoladamente não é capaz de fornecer a inteligibilidade para o tema, nem tampouco apontar caminhos e soluções absolutas.

Este número não está articulado para responder esta questão, nem se propôs a isso. A questão da política no contemporâneo pode ser tomada como exemplo de tema que, embora possa ser foco privilegiado de pesquisas nas áreas da filosofia política, sociologia ou ciência política, sua inteligibilidade é necessariamente interdisciplinar, como quase todos os temas das ciências humanas, o que aponta algumas questões para este periódico.

A Revista de Ciências Humanas (RCH), de 1982, ano de sua criação, tem contribuído com a divulgação do conhecimento científico produzido nas ciências humanas buscando deslocar-se do campo multidisciplinar para um campo que, a nosso ver, deve se constituir cada vez mais voltado à lógica interdisciplinar. Embora essa direção esteja indicada como foco do periódico, ainda não é encontrada em grande parte das submissões que nos são encaminhadas, demonstrando que temos um caminho a percorrer no desenvolvimento de um olhar interdisciplinar, de práticas e compreensões compatíveis com a complexidade das temáticas sobre as quais nos debruçamos.

É apostando neste campo de possíveis que abrimos o número 1 do volume 51. Esperamos que as temáticas e cada um dos artigos possam instigar os leitores à busca de caminhos inovadores e potentes.

Boa leitura!

Katia Maheirie e Ana Lídia Brizola

Editoras geral e executiva